

OPINIÃO

O desafio invisível das mulheres na tecnologia

Luana Bravo (*)

Há reuniões em que eu participo sabendo que sou a única mulher na mesa. E isso, no setor de tecnologia, ainda não é um detalhe.

Ser mulher na engenharia, especialmente nas áreas ligadas à infraestrutura, telecomunicações e televisão, é aprender cedo que competência não se presume. Ela precisa ser demonstrada, sustentada e, muitas vezes, defendida.

A liderança feminina ainda precisa ser reafirmada com frequência, em ambientes onde o padrão de autoridade continua sendo masculino. A cobrança é maior, o espaço para erro é menor e o julgamento costuma ser mais rigoroso.

E quando a maternidade entra nessa equação, o desafio se intensifica. Existe uma expectativa silenciosa de que a mulher escolha entre liderar ou cuidar, como se essas dimensões fossem incompatíveis. A realidade, no entanto, é que muitas mulheres seguem fazendo ambas - não sem custo, mas com enorme resiliência.

Ao longo desses 20 anos no setor, compreendi que autoridade técnica e liderança institucional se constroem em camadas: conhecimento sólido, consistência nas decisões e capacidade de atravessar resistências silenciosas.

Hoje, à frente da SET, atuo na articulação entre indústria, academia, fabricantes, radiodifusores e reguladores em um momento de transformação profunda do audiovisual.

A função executiva vai muito além da visibilidade dos eventos. Envolve coordenar debates estratégicos sobre TV 3.0 e convergência tecnológica, equilibrar interesses de mercado, garantir sustentabilidade institucional e preservar a credibilidade técnica da entidade. Em paralelo, há negociações complexas, construção de consensos e decisões que exigem firmeza, mesmo quando não são unanimidade. Nesse contexto, a liderança feminina ainda passa por filtros diferentes.

A assertividade pode ser lida como dureza. A objetividade pode ser interpretada como frieza. A sensibilidade estratégica pode ser confundida com emoção excessiva.

Não se trata de vitimização, mas de reconhecer o ambiente em que atuamos.

A engenharia brasileira tem nomes femininos que abriram caminhos antes de nós. Entre os nomes que merecem desta-

que estão Liliana Nakonechnyj, que foi a primeira mulher a ocupar o cargo de presidente na SET, e a engenheira Ana Eliza Faria e Silva, que será homenageada no NAB Show 2026, um dos mais relevantes encontros globais do setor.

Esse reconhecimento carrega um significado coletivo. Ele evidencia que mulheres sempre contribuíram de forma decisiva para o avanço técnico da televisão e da radiodifusão, mesmo quando seus nomes não ocupavam os espaços de maior visibilidade.

O desafio contemporâneo não é apenas reconhecer trajetórias. É ampliar presença de forma consistente.

Ambientes diversos produzem decisões mais completas. Mudam as perguntas feitas em uma reunião. Alteram o modo como os conflitos são resolvidos. Refinam a análise de riscos. Expandem a visão de longo prazo.

Isso não é idealização. É consequência de experiências distintas compartilhando o mesmo espaço decisório.

Existe também um aspecto pouco discutido: o desgaste de representar mais do que a si mesma.

Ser a única mulher em uma sala técnica carrega um peso implícito. Um erro pode ser generalizado. Uma decisão pode ser interpretada como representação de um grupo inteiro. Há uma responsabilidade silenciosa de abrir caminho para outras profissionais.

Continuar ocupando esses espaços, apesar disso, tem dimensão política, ainda que não declarada.

Essa continuidade se traduz em formar novas lideranças, incentivar jovens engenheiras, compartilhar conhecimento técnico e fortalecer redes profissionais que tornem o setor mais plural sem perder excelência.

Se o setor de tecnologia quer se manter inovador, precisa ampliar perspectivas. A transformação digital que atravessa o audiovisual exige pensamento plural, visão sistêmica e capacidade de diálogo qualificado.

Talvez o maior compromisso das mulheres que hoje ocupam cargos estratégicos seja contribuir para que, em algum momento, essa discussão deixe de ser necessária.

(*) Diretora Executiva da SET (Sociedade Brasileira de Engenharia de Televisão), engenheira eletrônica com ênfase em eletrônica e pós-graduada em TV Digital, com 20 anos de atuação no setor de televisão e telecomunicações.

Microsoft avisa: use o Copilot por sua conta e risco...

A confiança da Microsoft no Copilot, sua própria inteligência artificial, parece não ser muito grande.

Vivaldo José Breternitz (*)

Apesar de posicionar o software como a peça central de sua estratégia para integrar a IA ao Windows e a ferramentas corporativas, a documentação da própria empresa deixa claro: os usuários não devem confiar no sistema para tarefas críticas.

Os termos de uso do Copilot, atualizados em outubro passado, estabelecem limites nítidos sobre a finalidade do software. O documento afirma que o Copilot se destina apenas a fins de entretenimento, acrescentando que "ele pode cometer erros e pode não funcionar como pretendido". A Microsoft desaconselha explicitamente o uso da ferramenta para decisões importantes, alertando: "Use o Copilot por sua conta e risco."

Essa linguagem destoa da mensagem institucional da companhia. A Microsoft tem promovido intensamente o Copilot, integrando-o ao Windows 11 e aos seus aplicativos de produtividade. Embora isenções de responsabilidade sejam práticas comuns no setor, esses termos de uso destacam uma contradição generalizada na indústria: a publicidade diz que a IA é essencial e de "próxima geração", mas apresenta-a como não confiável.

Essa contradição não é exclusividade da Microsoft. Outros competidores no setor de IA incluem ressalvas semelhantes. A xAI, de Elon Musk, diz que sua IA está evoluindo rapidamente, mas ainda pode gerar resultados que contêm 'alucinações', ofensivos, imprecisos com relação a pessoas, lugares ou fatos ou, ainda, serem inadequados para o propósito pretendido pelo usuário.

Tais avisos podem parecer redundantes para quem entende o funcionamento de inteligências artificiais generativas, que são



omersukrugoku_CANVA

sistemas probabilísticos que sintetizam textos com base em padrões, e não na verdade dos fatos. No entanto, eles são muito necessários diante da frequência com que usuários depositam confiança demasiada nos resultados dos comandos que dão a esses softwares.

Essa confiança equivocada pode gerar consequências tangíveis. Na Amazon, por exemplo, ocorreram ao menos duas interrupções nos serviços da AWS causados por um bot de codificação que fez alterações de código sem supervisão humana. Posteriormente, a empresa classificou os incidentes como erro humano, e não falha da IA.

Casos como esses evidenciam o gap persistente entre a promessa tecnológica e o risco operacional. A IA generativa pode acelerar fluxos de trabalho, mas a responsabilidade final pelos erros recai sobre os humanos e as organizações que a implementam.

Operadores humanos continuam vul-

neráveis ao viés de automação, uma tendência cognitiva de favorecer resultados gerados por máquinas em detrimento de evidências contraditórias. Na era do texto e código sintéticos, esse viés pode se tornar mais grave, à medida que os sistemas de IA produzem resultados persuasivos, porém falhos.

Os alertas dados pelas empresas servem para que estas se protejam, já que esses termos são escritos por advogados, não por equipes de marketing ou por profissionais da área tecnológica. Contudo, enquanto as empresas buscam monetizar a IA, cresce o risco de que o potencial de erro seja minimizado em favor dos esforços para adoção em massa.

Em resumo: os termos de uso oferecem uma visão mais realista do que as campanhas publicitárias, deixando claro para os usuários que IA é poderosa, mas ainda não plenamente confiável.

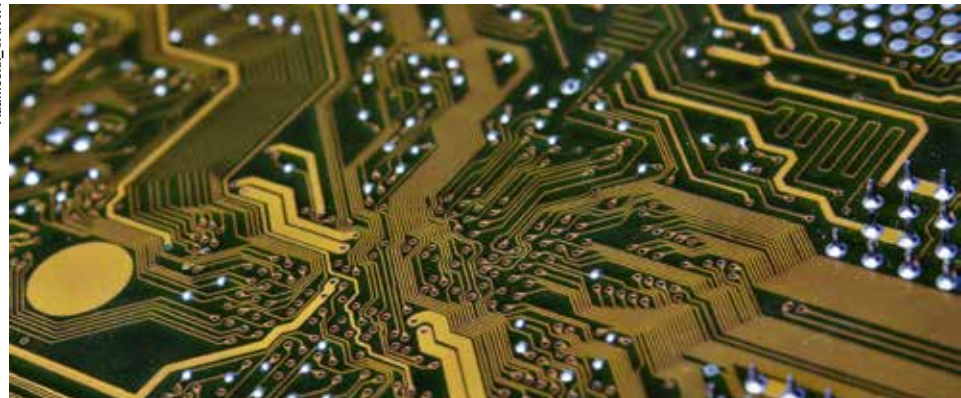
(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas - vjntz@gmail.com.

Agência de Inovação da UFSCar promove evento online e gratuito sobre a proteção de topografia de circuitos integrados

Nesta quarta-feira, dia 8 de abril, a Agência de Inovação da Universidade Federal de São Carlos (AIn.UFSCar) realiza, a partir das 14 horas, a primeira edição temática do AInConecta, com foco na proteção de topografias de circuitos integrados.

A topografia de circuitos integrados refere-se ao desenho tridimensional que organiza os componentes eletrônicos em um chip, elemento fundamental para o funcionamento de dispositivos digitais. Além de sua importância técnica e científica, esse tipo de criação também pode ser protegido como propriedade intelectual, garantindo reconhecimento e segurança aos seus desenvolvedores.

A iniciativa busca informar e conscientizar a comunidade acadêmica sobre a importância da pesquisa, do desenvolvimento e da proteção desse tipo de tecnologia, estratégica para o avanço da microeletrônica e da inovação.



Adambx_CANVA

A programação contará com a participação de especialistas de destaque nas áreas de tecnologia e propriedade intelectual. Entre os convidados estão Marcelo Zuffo, docente da Escola Politécnica (Poli) da USP e referência em sistemas digitais e computação embarcada; Alexandre Ciancio, coordenador-geral de Informação Tecnológica de Patentes do Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI); e Caro-

lina Tagliari, advogada com experiência em gestão da inovação e proteção de topografia de circuitos integrados.

O evento é gratuito, aberto às pessoas interessadas e acontecerá de forma online. As inscrições podem ser feitas no link (<https://www.sympla.com.br/evento-online/ainconecta-topografia-de-circuitos-integrados/3362181>).



News @ TI

ricardosouza@netjen.com.br

Formato short drama está entre as categorias que mais cresce

@A AppsFlyer, plataforma de Modern Marketing Cloud, divulgou o relatório State of Subscriptions for Marketers 2026 (o cenário de assinaturas, para profissionais de marketing), uma análise das tendências de assinaturas em aplicativos, considerando plataformas, categorias e regiões. Os dados mostram uma mudança clara no que os consumidores estão pagando, como estão pagando e em quais regiões isso

acontece. O formato short drama (conteúdos seriados curtos, pensados para consumo em dispositivos móveis) já é uma das categorias de aplicativos por assinatura que mais crescem globalmente, com aumento de 155% nas instalações pagas ano a ano. O crescimento é impulsionado principalmente por audiências na Índia e na América Latina, enquanto o interesse diminuiu na América do Norte, onde os gastos caíram 40%. Veja o relatório completo em (<https://www.appsflyer.com/resources/subscription-marketing-report/>).

Editorias

Economia/Política: J. L. Lobato (lobato@netjen.com.br); Ciência/Tecnologia: Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); Livros: Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioph.com.br);

Comercial: comercial@netjen.com.br

Publicidade Legal: lilian@netjen.com.br

Webmaster/TI: Fabio Nader; Edição Eletrônica: Ricardo Souza.

Revisão: Maria Cecília Camargo; Serviço informativo: Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.

Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.

Jornal Empresas & Negócios Ltda

Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 - Vila Mariana - São Paulo - SP - CEP: 04128-080

Telefone: (11) 3106-4171 - E-mail: (netjen@netjen.com.br)

Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90

JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003)

Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.